

JOÃO LUÍS CARDOSO
JOÃO CARLOS CANINAS
FRANCISCO RIBEIRO HENRIQUES

**A ANTA 6 DO COUTO DA ESPANHOLA
(ROSMANINHAL, IDANHA-A-NOVA)**

VISEU
1995

Resumo

A sepultura megalítica em causa integra-se em uma rica região onde, nos últimos anos se identificaram cerca de sessenta monumentos megalíticos, tanto de carácter mágico-ritual (menires e cromeleques), como funerários, além de sítios de arte rupestre. Os espaços habitados, conquanto menos evidentes, encontram-se também assinalados, em diversos locais, pela presença de grandes elementos dormentes de mós manuais de grauvaque.

O monumento 6 do Couto da Espanhola, situado escassas centenas de metros de diversos daqueles tipos de ocorrências, encontrava-se assinalado por uma mamoa de enrocamento praticamente intacta (*cairn*), sublinhada pela concentração de blocos de quartzo leitoso que conferiam ao montículo artificial, com cerca de 10m de diâmetro e pouco mais de 1m de altura, um aspecto singular, contrastando cromaticamente com os afloramentos xisto-grauváquicos da zona adjacente. Aliás, a concentração anormal de blocos quartzosos, constitui, na região, excelente indicativo da presença de mamoas de monumentos megalíticos.

A escavação, realizada em Setembro de 1995, evidenciou um monumento constituído por pequenos esteios de grauvaque e de xisto, de origem local, definindo uma câmara de pequenas dimensões, de planta ovalada e fechada. Este espaço viria a ser dividido por um septo longitudinal e, enquanto que uma das áreas assim isolada (a menor), era ulteriormente entulhada por rochas, e definitivamente abandonada, a outra, de configuração sub-rectangular, correspondendo a uma cista, permaneceu em uso.

As suas pequenas dimensões permitem supor que se trataria, desde o início, de uma sepultura individual; no máximo, poderia receber, dois a três corpos estendidos. O espólio exumado no espaço inutilizado após a remodelação integra um crescente, um trapézio de base recta, uma lamela, uma lâmina com retoques marginais e um machado de anfíbolito de talão picotado. O espólio correspondente ao espaço cistóide que continuou em uso corresponde a uma pequena enxó, polida apenas no gume, um machado e fragmentos de, pelo menos cinco recipientes lisos, quatro taças em calote ou hemisféricas, de diversos tamanhos e a um vaso de colo médio, de perfil suave. Verifica-se, pois, uma nítida distribuição diferenciada quanto às características e tipologia dos dois conjuntos, configurando dois momentos culturais diferentes.

Com base nas características arquitectónicas e no espólio descrito, proceder-se-á à integração cronológico-cultural da edificação do monumento e sua ulterior reutilização, no contexto do megalitismo do centro e sul de Portugal. Crê-se estar perante um monumento dolménico primitivo, no âmbito daquele contexto.

A ANTA 6 DO COUTO DA ESPANHOLA (Rosmaninhal, Idanha-a-Nova)¹

João Luís Cardoso², João Carlos Caninas² e Francisco Henriques²

1. Introdução

A região do Rosmaninhal, situada no sudeste do distrito de Castelo Branco, confinada a sul pelo rio Tejo, a leste pelo rio Erges e a oeste pela ribeira de Aravil (Fig. 1), tem vindo a ser sistematicamente prospectada desde final da década de oitenta por elementos da Associação de Estudos do Alto Tejo. Ao quase total desconhecimento do seu interesse arqueológico - apenas eram anteriormente conhecidos quatro monumentos megalíticos no referido território (PROENÇA JÚNIOR, 1910; KALB, 1990) - sucedeu-se a demonstração da sua notável importância arqueológica, especialmente no âmbito do megalitismo. Até ao presente foram referenciadas mais de sessenta construções megalíticas, incluindo monumentos funerários, recintos e menires (HENRIQUES *et al.*, 1993).

Às prospecções sistemáticas sucederam-se as primeiras escavações arqueológicas. Em 1993 foi explorado o pequeno menir de Cegonhas (CARDOSO *et al.*, 1995). Em Julho de 1995, efectuou-se uma exploração preliminar no recinto megalítico do Couto da Espanhola seguida, em Setembro do mesmo ano, da exploração do monumento megalítico que constitui o objecto do presente artigo. Dá-se assim continuidade aos trabalhos sobre o megalitismo regional, realizados por O. da Veiga Ferreira e Fernando de Almeida, na década de 1950 e 1960 (ALMEIDA & FERREIRA, 1958, 1959, 1971).

2. Enquadramento ambiental e arqueológico

O monumento megalítico em apreço situa-se perto da extremidade de um esporão voltado para Sul, que delimita vasta plataforma coberta por depósitos detríticos arcóscicos, de idade atribuída ao Paleogénico e Miocénico continental indiferenciados, sobrepostos a rochas do Complexo Xisto-Grauváquico ante-ordovícico, que localmente afloram com frequência.

O monumento tem as coordenadas PE 4599 044 UTM (Carta Militar de Portugal, nº294, à escala 1: 25 000) e situa-se a cerca de 350 m de altitude. Corresponde no inventário citado ao sexto monumento megalítico identificado na propriedade "Couto da Espanhola". Na sua adjacência imediata, inferior ou igual a 1 km, reconheceram-se dois recintos megalíticos, um menir, um conjunto de rochas com covinhas, cinco outros monumentos funerários megalíticos, além de diversas mós dormentes, que consubstanciam áreas de *habitat*, embora dispersas e pouco evidentes.

¹ Texto publicado em Estudos Pré-Históricos, vol. 3, 1995, Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta, Viseu, p.19-37.

² Da Associação de Estudos do Alto Tejo.

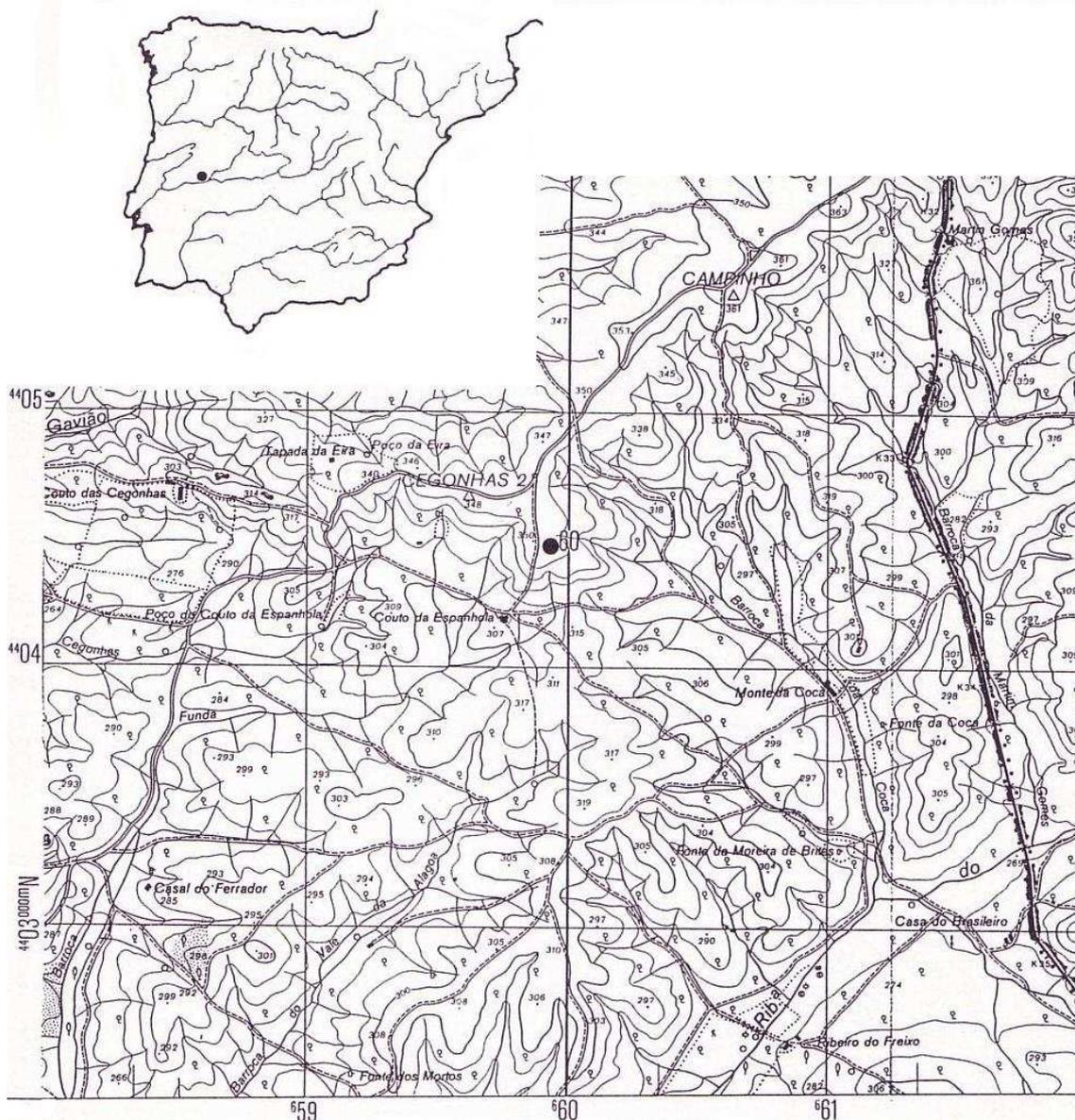


Fig. 1 - Localização do monumento na Península Ibérica e em extracto da Folha nº 294 da Carta Militar de Portugal à escala 1/25 000.

Os solos da região - no local do monumento dominam os litossolos de xistos ou grauvaques - são predominantemente resultantes das aludidas coberturas detríticas, dando origem a manchas de importância muito variável, em estreita dependência da distribuição daqueles afloramentos; a intensa erosão explica o seu desaparecimento em numerosos locais e por conseguinte a ausência de solos aráveis, fenómeno que se terá acelerado em época recente, em consequência da destruição do coberto florestal primitivo, cujos vestígios ainda são evidentes na zona, devido à preparação dos terrenos para extensas culturas cerealíferas. Trata-se, com efeito, de vastos espaços abertos, ligeiramente ondulados, onde avultam azinheiras muitas vezes centenárias, que pontuavam até há poucos anos as extensas searas de trigo. Após o abandono daquelas culturas, desenvolveu-se novo coberto arbustivo onde predominam as giestas, algumas atingindo na actualidade grande porte.

O monumento situa-se no limite de uma dessas vastas superfícies, constituindo esporão rochoso, dominando visualmente um espaço amplo em todas as direcções (Fig. 1 e Est. I.1).

3. Trabalhos realizados

Os trabalhos arqueológicos foram dirigidos por um de nós (J.L.C.) e decorreram, intermitentemente, de 4 a 24 de Setembro de 1995. Neles participaram, para além dos signatários, Inês Mendes da Silva, José Carlos Lopes, Inês Veiga, Catarina Traguelho, Maria dos Anjos Tavares e Jorge Gouveia. Bernardo L. Ferreira encarregou-se do levantamento topográfico das estruturas postas a descoberto, bem como do desenho dos materiais exumados.

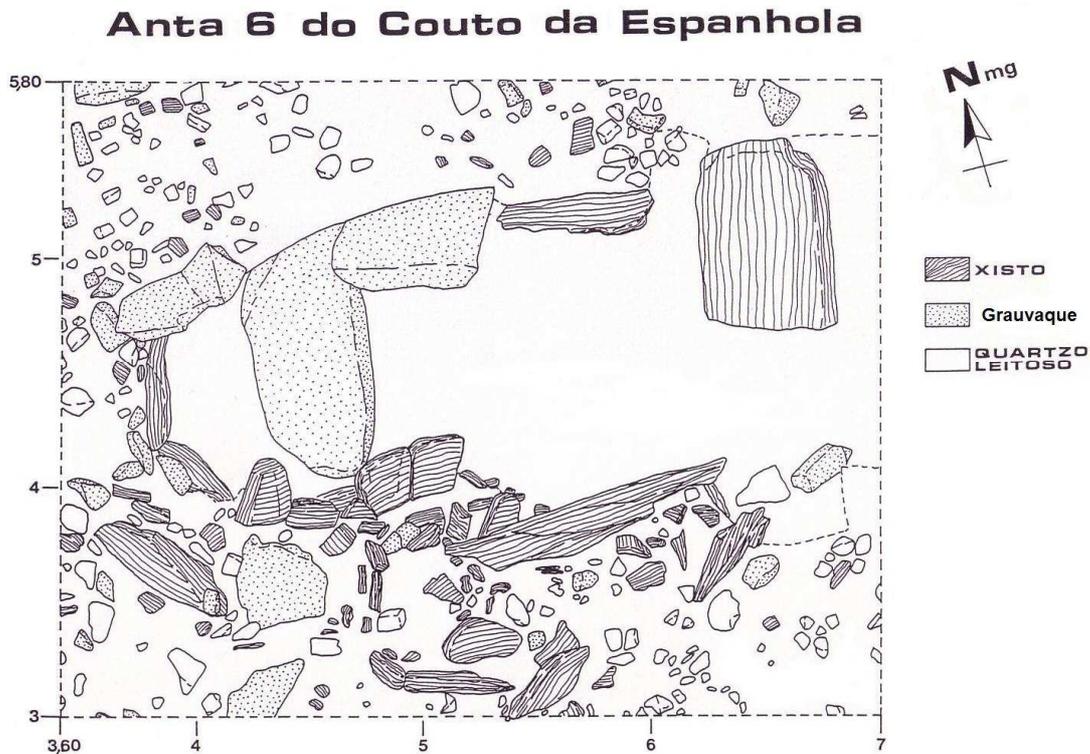


Fig. 2 - Planta da câmara do monumento correspondente à fase final da sua utilização.

Os trabalhos foram promovidos pela Associação de Estudos do Alto Tejo, no âmbito do projecto "Ocupação Pré-Histórica do Alto Tejo Português", superiormente aprovado pelo Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico e foram apoiados pelo Instituto da Conservação da Natureza.

O monumento apresentava-se com uma mamoa de enrocamento bem conservada, expressivamente sublinhada pela concentração superficial de blocos de quartzo leitoso os quais constituem bom indicador da existência de monumentos megalíticos na região (Est. I.1 e I.2).

Com efeito, a totalidade dos monumentos megalíticos identificados na região revelam a selecção daquele tipo de blocos, motivado certamente pelo contraste cromático que proporcionavam, quando concentrados nas mamoas, face aos terrenos circundantes.

Os trabalhos iniciaram-se pela delimitação da área a investigar, correspondente a um rectângulo de 8 x 11m, abrangendo toda a área da mamoa, com o lado menor orientado a NNE-SSW. Considerando a boa conservação da estrutura do *cairn*, à superfície, optou-se apenas por uma ligeira decapagem, que removeu a terra existente entre blocos, de modo a melhor evidenciar a forma como aqueles se dispunham entre si. Seguidamente, procedeu-se à abertura de um corte radial, que partindo do fecho oriental da câmara, atravessou toda a estrutura tumular, permitindo a sua observação em profundidade ESE; este corte atingiu o substrato geológico, no qual foram fundados os esteios da câmara (Est. II.1). A escavação desta correspondeu à última fase dos trabalhos de campo. Enfim, após o registo gráfico e fotográfico, procedeu-se ao enchimento das áreas escavadas (corte e interior da câmara), por forma a garantir a conservação do monumento.

4. Resultados obtidos

4.1. Estrutura do monumento

4.1.1. O *cairn*

A mamoa corresponde a uma acumulação artificial de blocos, dispostos segundo uma elipse cujo comprimento coincide com a direcção de alongamento da câmara, ESE-WNW. O seu eixo maior mede cerca de 10 m de comprimento, e o menor, aproximadamente, 7,60 m. Trata-se, pois, de um *cairn*. A referida acumulação encontra-se suportada e sublinhada por um anel exterior de contenção descontínuo, constituído por blocos alongados, mais frequentes os de grauvaque, especialmente evidentes nos quadrantes meridionais (Fig. 3; Est. I.1). Com efeito, foi nestes dois sectores que o *cairn* se revelou melhor conservado. Por esse motivo, ali se efectuou o corte que permitiu o registo vertical da estrutura (Fig. 4; Est. II.1).

Em profundidade, o *cairn* era constituído por aglomerado de blocos, polidimensionais, engrenados uns nos outros, o que dificultou o respectivo desmonte. A altura máxima do amontoado, observada junto à câmara atingia a altura máxima de 0,60m e assentava directamente, em toda a área atingida pelo corte, no substrato geológico, constituído por xistos com foliação vertical.

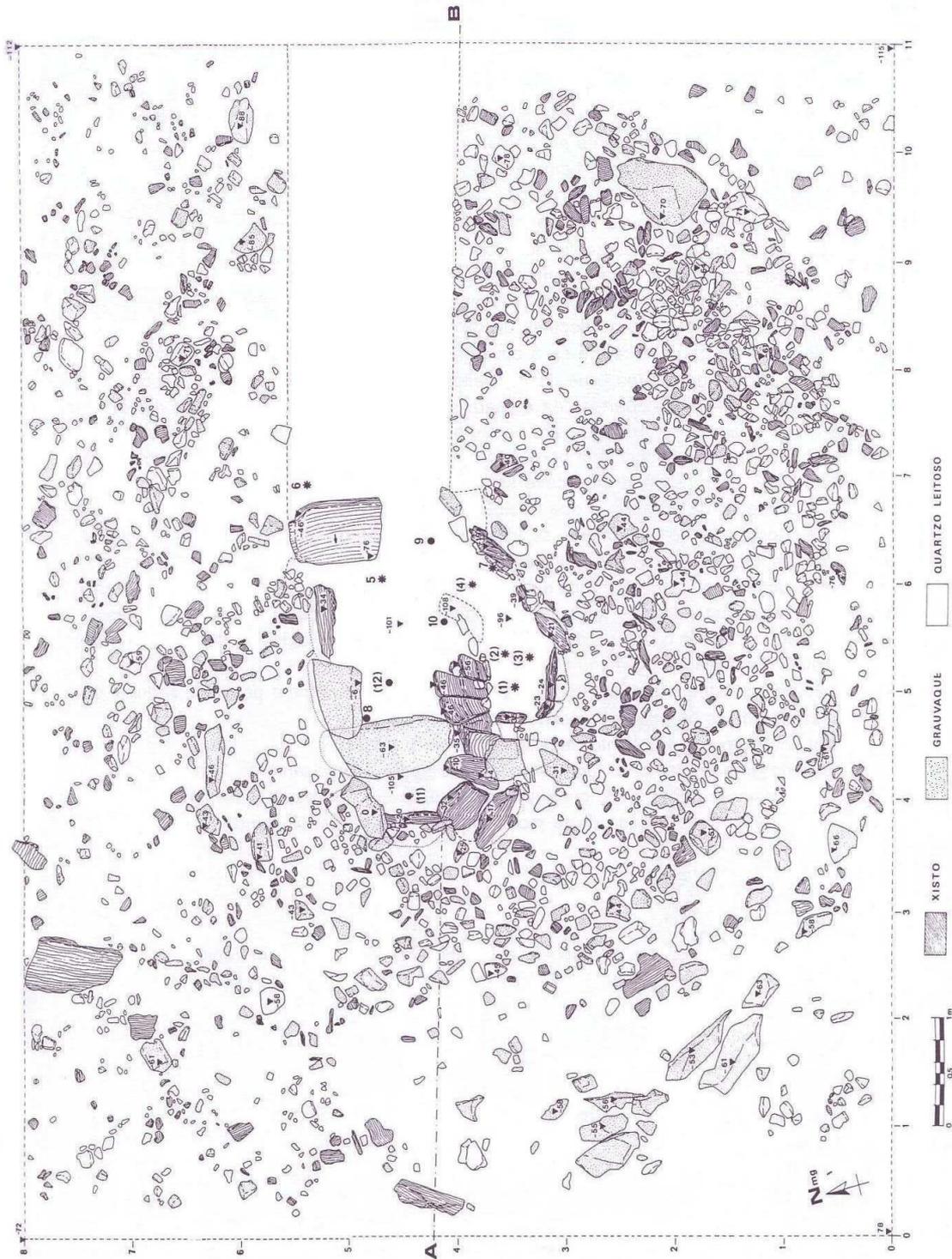


Fig. 3 - Planta geral do monumento.

A estruturação do enrocamento revelou-se idêntica à superfície e no perfil observado. Avultam os blocos angulosos de quartzo leitoso, cuja dimensão máxima era em geral inferior a 0,20m com a percentagem aproximada de 66%, à superfície do *cairn*; sucedem-se os blocos de xisto,

de idênticas dimensões, mas de formato tabular, com a percentagem de 24%. Por último, ocorrem elementos de grauvaque, de formato mais irregular, frequentemente alongado, e de dimensões médias superiores às dos tipos litológicos anteriores, a que corresponde a percentagem aproximada de 10%.

Tal composição litológica difere substancialmente da observada no corte. Aqui predominam largamente os elementos de xisto (62%) que, por outro lado parecem evidenciar deposição na horizontal, sugerindo que a construção do *cairn* se efectuou pela colocação, em camadas sucessivas, de pequenos volumes de materiais. A grande sensibilidade do xisto à alteração meteórica, bem evidente nos esteios da câmara, fortemente esfoliados, poderá explicar eventual rarefação à superfície. No entanto, esta razão não serve para explicar as discrepâncias observadas relativamente às duas outras rochas: enquanto que à superfície o quartzo predominava largamente sobre o grauvaque, no seio do *cairn* tal predominância esbatia-se: apenas 21% de elementos quartzosos para 17% de blocos grauvacóides. A explicação para tal situação residirá na preocupação em conferir visibilidade à mamoa que, como atrás se disse, levou a concentrar à sua superfície blocos de quartzo, facto que ainda hoje é evidente apesar da ligeira ablação que o monumento sofreu em altura.

4.1.2. A Câmara

A escavação do núcleo do monumento evidenciou uma pequena câmara megalítica fechada com 2,80m de comprimento por 2,20m de largura, desprovida de corredor (Fig. 3; Est. IV.2)). Possui planta oval assimétrica, definida por esteios actualmente com ligeira inclinação para o interior da câmara; nalguns casos evidenciam-se perturbações post-deposicionais, testemunhadas pela fracturação de esteios. A altura média dos esteios é em geral inferior a 1,00m, o que configura uma câmara de pequena altura. A câmara evidenciava ligeira violação a partir do fecho nascente: um dos esteios fora deslocado e o interior apresentava-se, na zona adjacente, parcialmente revolvido. Tal violação não teve, porém, expressão significativa, tanto em área como em profundidade, no interior da câmara.

A escavação da câmara revelou a existência de um septo interior longitudinal que dividiu o espaço original em duas porções desiguais (Est. III.2): uma pequena câmara de contorno ovóide - então sublinhado por fixação de novo esteio de cabeceira - situada do lado meridional do monumento foi, deste modo, isolada, e ulteriormente colmatada por blocos, dois deles de grandes dimensões, alongados e de grauvaque, que serviram de apoio a um esteio, lajiforme de xisto, disposto de cutelo, sublinhando a referida separação (Est. III.1). Deste modo, o espaço útil do monumento sofreu uma deliberada redução, no decurso da sua existência; a sua configuração final correspondia a uma cista de planta sub-rectangular (Fig. 2; Est. II.2). Deste modo, evidenciam-se três fases de utilização/construção bem diferenciadas, sublinhadas pelas características do espólio exumado:

1ª fase: aproveitamento da câmara na sua totalidade;

2ª fase: construção do septo e utilização dos dois recintos separadamente;

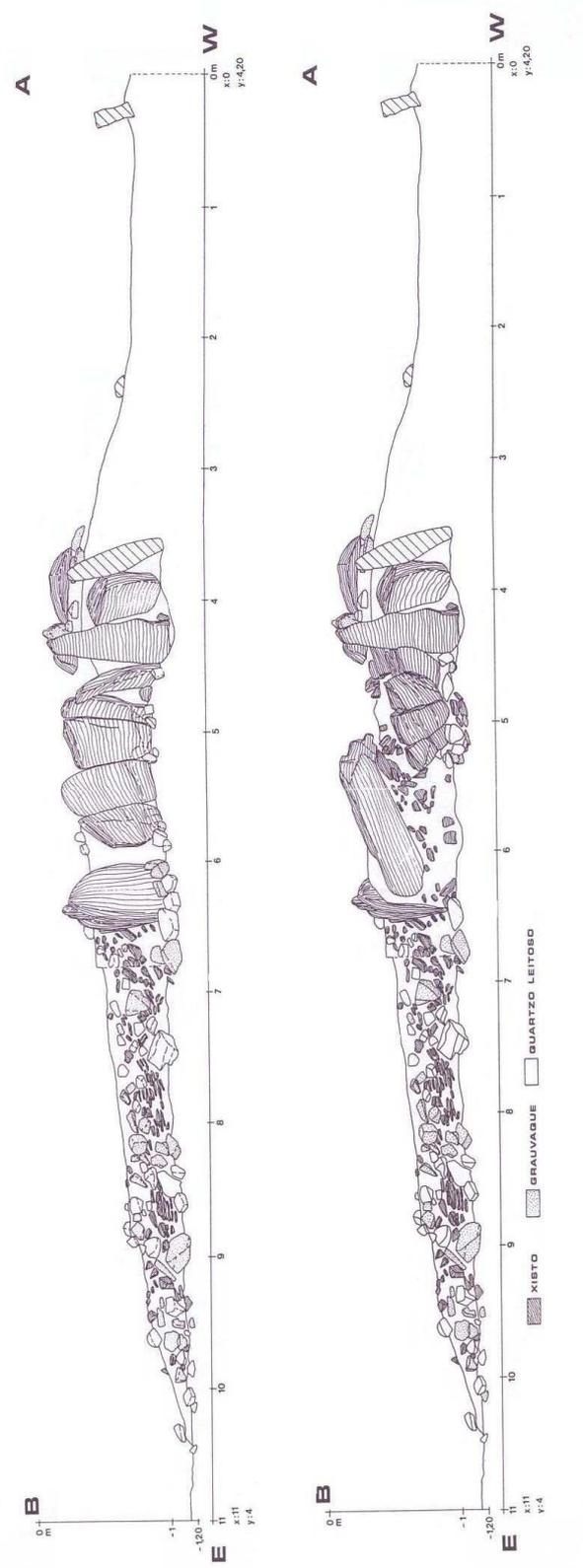


Fig. 4 – Corte do *cairn*, mostrando a sua estrutura interna e alçado da câmara do monumento: em cima – alçado meridional do recinto primitivo; em baixo – alçado meridional do recinto, correspondente à terceira (e última) fase de utilização (ver Fig. 2).

3ª fase: utilização apenas da área setentrional da câmara, transformada em sepultura cistóide, enquanto que o recinto meridional era intencionalmente entulhado.

Algumas observações efectuadas no decurso da escavação da câmara, na sua última configuração, merecem destaque. A primeira refere-se à acumulação, no seu interior e junto do fundo, de grandes blocos angulosos, de grauvaque e de quartzo leitoso, que poderão corresponder à cobertura do monumento. Nesta hipótese, a cobertura da câmara seria assegurada não por lajes dispostas horizontalmente - de que não se encontraram vestígios - mas por cúpula de grandes blocos apoiados uns nos outros, idêntica à indicada por SAVORY (1971, 98) para monumentos semelhantes da região alto-alentejana. Outro aspecto que deve ser salientado, refere-se a um esteio de grauvaque, tombado para o interior da câmara: a sua posição horizontal, quase directamente assente no fundo, indica que a degradação do monumento se iniciou ainda antes da entrada de terra no interior da câmara, tendo-se rapidamente sucedido à última deposição mortuária.

Entre a construção original da câmara e a do septo que a divide, terá mediado um curto espaço de tempo, como é sugerido pela fundação de alguns dos elementos deste último ao mesmo nível dos que integram o circuito primitivo, directamente no substrato geológico. A sequência construtiva que conduziu à remodelação do monumento seria, pois, a seguinte:

1º - fixação dos ortóstatos que integram o septo, no interior da câmara primitiva, seguida da ocupação sincrónica de ambos os espaços assim isolados;

2º - parcial entulhamento do sector meridional por enrocamento;

3º - fixação do grande elemento lajiforme de xisto sobre o enrocamento formado, prolongando o septo anteriormente construído; continuação da utilização do espaço remanescente da câmara do lado setentrional, transformada deste modo em cista megalítica de planta sub-rectangular.

4.2. Espólio

Atendendo aos locais de recolha do espólio, assinalados na Fig. 2, devem considerar-se dois conjuntos, a seguir descritos.

4.2.1. Espólio recolhido no recinto meridional

Trata-se dos materiais exumados no recinto que foi primeiramente abandonado.

1 - Lamela de sílex fracturada em ambas as extremidades, não retocada. Cor castanha, 5 YR 3/4. Brilho intenso em todas as superfícies de lascagem sugerindo tratamento térmico. Z=-0,91m [Fig. 5, nº1].

2 - Lâmina de sílex incompleta na porção distal, conservando bolbo de percussão na base, com plano de percussão liso. Superfícies brilhantes sugerindo, tal como a anterior, tratamento térmico. Bordos laterais com pequeníssimos retoques marginais, um deles evidenciando ligeiro

boleamento do gume devido a uso. Cor clara cinzento-esverdeada, 5 Y 6/1. Z=0,91m [Fig. 5, nº2].

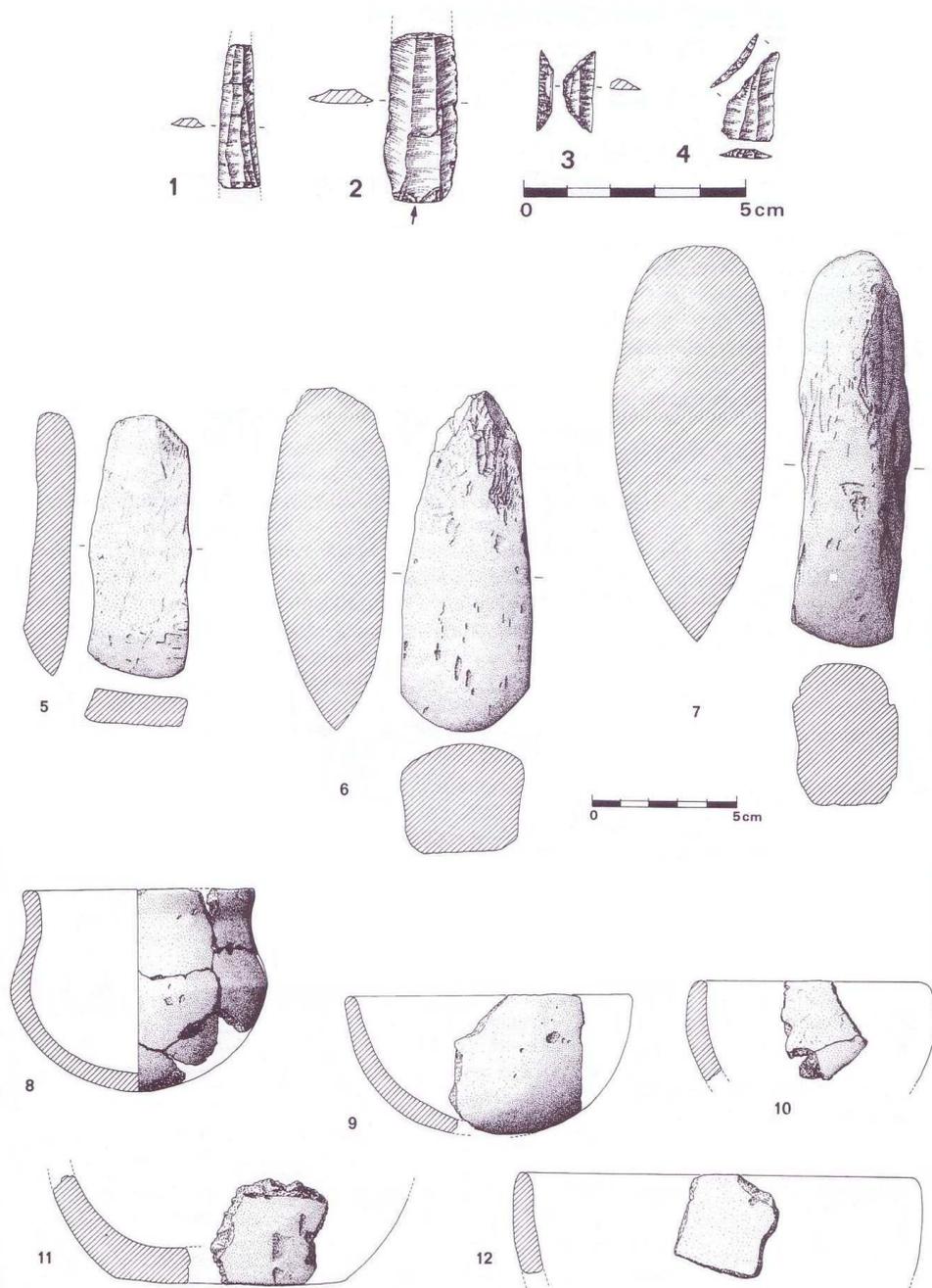


Fig. 5 - Espólio recolhido no interior do monumento: lamela de sílex (1), lâmina de sílex (2), crescente de sílex (3), trapézio de calcedónia (4), enxó de anfiboloxisto (5), machado de anfiboloxisto (6), machado de anfiboloxisto (7), vaso de colo médio e parede reentrante (8), taça em calote (9), taça hemisférica (10), fundo aplanado de taça (11), taça hemisférica (12).

3 - Pequeno crescente de sílex com bordo convexo ostentando retoque abrupto contínuo em todo o seu comprimento. Cor castanha-avermelhada, 10 R 4/6. Z=0,91m [Fig. 5, nº3].

4 - Trapézio em calcedónia de base plana com pequenos retoques abruptos e com truncatura oblíqua obtida por retoque abrupto a partir de ambas as faces (retoque cruzado) afeiçoando uma ponta acerada. Transparente, de coloração ligeiramente leitosa. Z= -0,83m [Fig. 5, nº4].

7 - Machado de anfiboloxisto de secção quase quadrangular, bem polido, embora apenas parcialmente, em ambas as faces laterais. Topos bojardados aproveitando planos incipientes de foliação da rocha. Talão picotado e arredondado. Gume cuidadosamente afeiçoado, intacto e oblíquo relativamente ao eixo da peça. Cor cinzento-esverdeada, 5GY 6/1. Z=-0,98m. Recolhido na base da câmara junto aos reforços interiores de um dos esteios [Fig. 5, nº7].

4.2.2. Espólio recolhido no interior da cista (última fase de utilização do monumento)

5 - Pequena enxó de anfiboloxisto de secção rectangular achatada, polida apenas no gume, que é fortemente dissimétrico e oblíquo relativamente ao eixo da peça. A peça foi afeiçoada em lasca alongada cujo bolbo ainda se conserva na base de uma das faces. A face oposta, na mesma zona, conserva depressão correspondente a negativo de um bolbo homólogo. A peça documenta o aproveitamento de lascas de anfiboloxisto de forma pré-determinada, obtidas de núcleos para o fabrico de instrumentos de pedra polida. Ao contrário das anteriores peças de pedra polida, o gume desta possui ténues vestígios de utilização. Foi recolhida na parte superior do enchimento atingida pela violação. Cor cinzento-esverdeada, 5 GY 6/1 [Fig. 5, nº5].

6 - Machado de anfiboloxisto de secção rectangular espessa, bem polido na maior parte de ambas as faces laterais, correspondendo os topos a planos naturais de foliação da rocha. Talão grosseiramente desbastado por levantamentos imbricados. Gume cuidadosamente afeiçoado, fortemente convexo e aproximadamente simétrico, sem indícios de uso. Cor cinzento-esverdeada, 5 GY 6/1. Recolhido na zona adjacente externa do esteio deslocado aquando da violação do monumento [Fig. 5, nº6].

8 - Pequeno vaso de colo médio e parede ligeiramente reentrante, de bordo simples sem espessamento. Pasta muito grosseira com grandes e.n.p. de quartzo, angulosos, frequentemente superiores a 2mm. Núcleo de cor negro-azeitona, 5 Y 2/1, bem como a face interna. A face externa tem cor acastanhada, 5 YR 5/6. Z=-1,11m. Os fragmentos foram recolhidos lateralmente e sob o esteio tombado no interior da câmara [Fig. 5, nº8].

9 - Taça em calote. Cerâmica de textura média a fina bem alisada em ambas as superfícies, de coloração castanho-acinzentada, 5 YR 3/2, tanto no núcleo como na superfície externa. A superfície interna é de cor acastanhada, 5 YR 4/4. Bordo simples ligeiramente adelgado [Fig. 5, nº9].

10 - Fragmento de taça hemisférica. Pasta micácea média a grosseira com e.n.p. de quartzo angulosos e de feldspato de menores dimensões. Núcleo e superfícies de coloração castanho-acinzentada, 10 YR 2/2. Bordo simples, de lábio ligeiramente aplanado [Fig. 5, nº10].

11 - Fundo aplanado de grande taça. Pasta grosseira com grandes e.n.p. de quartzo angulosos. Coloração castanho-acinzentada, 10 YR 2/2 [Fig. 5, nº11].

12 - Fragmento de taça hemisférica de lábio simples ligeiramente aplanado. Superfície interna e externa alisadas e de coloração castanho-clara, 5 YR 5/6, e núcleo anegrado, 5 Y 2/1. Pasta micácea fina a média [Fig. 5, nº12].

5. Integração cronológico-cultural

Do inventário apresentado verifica-se que o espólio possui uma evidente distribuição diferenciada. Assim, enquanto que na área do monumento precocemente abandonada pontificava a indústria lítica de carácter microlítico, da área cistóide, correspondente à última fase de utilização, proveio toda a cerâmica recuperada no monumento. Tal facto terá significado cultural ou cronológico específico.

Na verdade, em alguns monumentos megalíticos do Centro e Norte de Portugal tem sido salientada a ausência de materiais cerâmicos entre o espólio exumado. O mesmo se verifica nas sepulturas megalíticas, de xisto, idênticas à agora estudada, situadas na bacia inferior do rio Sever (OLIVEIRA, 1995), numa zona relativamente próxima da área em estudo.

Um dos exemplos mais valorizados - a necrópole dolménica de Carapito -, na Beira Alta, ofereceu apenas espólio cerâmico na parte superior das câmaras dos três monumentos que a integram (LEISNER, 1970, 196). Esta observação merece credibilidade dado o cuidado que os investigadores puseram na escavação, tendo presentes as possibilidades de remeximentos, em todos os tempos, quase sempre elevadas em monumentos megalíticos.

A ausência de cerâmica em necrópoles neolíticas, dolménicas ou não (relembre-se a ausência de recipientes em gruta natural do lugar do Canto, Óbidos, LEITÃO *et al.*, 1987) pode ter, pelo exposto, significado cronológico-cultural.

No caso presente, a maior modernidade do espaço onde ocorreram os cinco recipientes cerâmicos, além de ser sublinhada pela própria evolução arquitectónica do monumento, encontra-se reforçada pelo espólio mais arcaizante ter sido recolhido na área primeiramente abandonada do monumento.

Assim, a associação de pequenos micrólitos, especialmente o pequeno crescente com retoque abrupto, a lâmina e lamela não retocadas, ou com retoque apenas marginal e descontínuo, foi assinalada por M. Heleno em pequenas câmaras, pouco altas, construídas de lajes e blocos toscos, do limite ocidental da peneplanície alentejana (LEISNER, 1983, 9-10).

Um dos sepulcros, justamente valorizado, que seria, nesta concepção, representativo desta fase primitiva do megalitismo do Centro e Sul de Portugal corresponde ao monumento 3 do Azinhal, situado perto do Ciborro, escavado por G. e V. Leisner. Trata-se de monumento construído com toscos blocos de cerca de 1m de altura, sem corredor. Continha alguns micrólitos trapezoidais de forma evoluída, dois raspadores semi-circulares, duas pequenas lâminas finas e um pequeno machado cilíndrico grosseiro (LEISNER, 1983, 11). A planta e dimensões deste sepulcro bem

como o espólio nele encontrado aproximam-no singularmente do monumento que explorámos e da fase mais antiga de ocupação ali documentada.

Mais para Sul, salienta-se o monumento 10 das Areias (Reguengos de Monsaraz) constituído por uma pequena câmara de planta rectangular aberta, muito semelhante à da última fase do monumento em estudo (LEISNER & LEISNER, 1951). O espólio, exclusivamente cerâmico, exumado neste monumento, consubstancia as aludidas semelhanças arquitectónicas. Com efeito, para a construção de uma das paredes, recorreu-se a um grande ortóstato de xisto assente sobre o enchimento da câmara, de forma idêntica ao da cista em que foi transformado o monumento em apreço, igualmente assente sobre enchimento da câmara primitiva deste.

O monumento 10 das Areias integra-se no grupo das cistas megalíticas da região cuja "problemática continua em aberto, sendo escassíssimas as informações que sobre elas dispomos..." (GONÇALVES, 1992, 120).

Na região baixo-alentejana litoral, o pequeno monumento megalítico do Marco Branco é caracterizado igualmente por uma câmara fechada de planta ovalada e onde se terá efectuado um número reduzido de deposições (3). Do espólio recolhido na câmara encontra-se igualmente ausente a cerâmica (embora esta ocorra no *tumulus*); pontificavam, tal como no recinto setentrional do nosso monumento, as indústrias microlíticas sem pontas de seta. Aquela sepultura foi atribuída à fase mais antiga do megalitismo na região (Neolítico médio, 1ª metade do 4º Milénio a.C. cf. SILVA & SOARES, 1983). Ulteriormente, os mesmos autores recuaram a construção deste monumento para o Neolítico antigo evolucionado da região (SOARES & SILVA, 1992, 45).

Pelo atrás exposto cremos a Anta 6 do Couto da Espanhola corporiza a fase mais arcaica do megalitismo na região com paralelos conhecidos especialmente no Sul do Portugal. Esta interpretação é preferível, quanto a nós, à alternativa de considerar este monumento no quadro de um polimorfismo sincrónico, em que coexistiriam simultaneamente diversos tipos arquitectónicos, como o defendido por BUENO RAMIREZ (1994). Com efeito, é flagrante a diferença arquitectónica existente entre os pequenos monumentos da província de Cáceres – que configuram, juntamente com os grandes monumentos com corredores daquela região, o referido polimorfismo – e a anta 6 do Couto da Espanhola, tanto quanto é evidente a semelhança existente entre os espólios dos até agora considerados mais antigos sepulcros megalíticos do território português e o exumado no recinto meridional do monumento em apreço. Acresce que não é razoável defender-se o sincronismo de espólios tão diferenciados tipologicamente: nuns pontificam as indústrias microlíticas, e entre estas artefactos arcaicos; noutros, predominam pontas de seta e lâminas, frequentemente associados a placas de xisto em outros monumentos mais complexos da região.

Em conclusão, o monumento 6 do Couto da Espanhola terá conhecido três fases de utilização distintas embora separadas por curto intervalo de tempo. A fase mais antiga, correspondente à ocupação integral da câmara, não se encontra representada no espólio: o interior do monumento terá sido totalmente limpo aquando da sua remodelação, consubstanciada pela construção do septo longitudinal. A fase intermédia, em que ambos os espaços separados por aquela estrutura foram reutilizados, encontra-se documentada pelos materiais exumados no recinto meridional, cuja tipologia é arcaizante. Enfim, a fase mais recente estará representada por uma deposição individual sendo o morto acompanhado de um machado e de uma enxó,

além de diversos recipientes cerâmicos, ausentes do conjunto mais antigo. Esta associação tem sido por várias vezes valorizada no quadro de uma economia agro-pastorial nascente. LEISNER (1983, 11) assinala no Alentejo central "pequenas câmaras sem corredor, nas quais, ao lado do cadáver sepultado, seguramente ao comprido, estava, no chão, uma enxó e um machado cilíndrico."

Como refere GONÇALVES (1992, 98), "talvez um dos aspectos mais importantes do ritual observado pelos escavadores da câmara e do próprio corredor do Poço da Gateira 1 seja a associação, por enterramento, de um machado mais uma enxó (ou goiva) (...) assim, cada inumado em Poço da Gateira 1 empunharia um instrumento relacionado com o derrube da árvore (o machado) e outro relacionado com a transformação do tronco em artefactos utilitários ou com a construção de estruturas (...). Há portanto duas fases, numa única sequência tecnológica, que estes artefactos simbolizam."

Nas necrópoles em grutas naturais, ou artificiais, do Neolítico Final da orla ocidental tal associação foi igualmente documentada, denotando sobrevivência desta prática ritual (relembremos que Poço da Gateira 1 foi atribuído à fase média do megalitismo, anterior ao Neolítico Final (SOARES & SILVA, 1992). Um dos exemplos mais flagrantes da associação votiva machado-enxó foi recentemente evidenciado na Lapa da Furada, Sesimbra (CARDOSO & CUNHA, 1995).

Não deixa de ser curioso notar que, no quadro de uma economia de produção ainda muito incipiente, as enxós – enquanto artefactos de transformação de matérias-primas por excelência - não faziam parte dos espólios funerários dos monumentos megalíticos ou proto-megalíticos mais antigos, como se verifica na primeira fase de utilização do monumento 6 do Couto da Espanhola. A enxó exumada no contexto mais tardio deste monumento serve para reforçar tal observação.

Bibliografia

ALMEIDA, Fernando de, e FERREIRA, O. da Veiga, 1958, **Dois Sepulturas Megalíticas dos Arredores de Idanha-a-Velha**, *Revista de Guimarães*, vol. 68, nº 3-4, pp. 317-322.

ALMEIDA, Fernando de, e FERREIRA, O. da Veiga, 1959, **Sepulturas Megalíticas dos Arredores de Idanha-a-Velha**, *Actas do 1º Congresso Nacional de Arqueologia* (Lisboa, 1958), vol. 1, pp. 225-230.

ALMEIDA, Fernando de, e FERREIRA, O. da Veiga, 1971, **Um Monumento Pré-Histórico na Granja de São Pedro (Idanha-a-Velha)**, *Actas do 2º Congresso Nacional de Arqueologia* (Coimbra, 1970), vol. 1, pp. 163-168.

BUENO RAMIREZ, Primitiva, 1994, **La necropolis de Santiago de Alcántara (Caceres). Una hipótesis de interpretación para los sepulcros de pequeño tamaño del megalitismo occidental**, *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología*, tomo 60, pp. 25-100, Valladolid.

CARDOSO, João Luís, e CUNHA, Armando Santinho, 1995, **A Lapa da Furada (Sesimbra). Resultados das escavações arqueológicas realizadas em Setembro de 1992 e 1994**, Câmara Municipal de Sesimbra, 59 p.

CARDOSO, João Luis, GOMES, Mário Varela, CANINAS, João Carlos e HENRIQUES, Francisco, 1995, **O Menir de Cegonhas (Idanha-a-Nova)**, *Estudos Pré-Históricos*, 3, no prelo.

GONÇALVES, Victor S, 1992, **Revendo as Antas de Reguengos de Monsaraz**, *Cadernos da Uniarq*, 2, INIC, 264p., Lisboa.

HENRIQUES, Francisco, CANINAS, João Carlos, e CHAMBINO, Mário, 1993, **Carta Arqueológica do Tejo Internacional**, vol. 3, 299 p., Vila Velha de Ródão.

HENRIQUES, Francisco, CANINAS, João Carlos, e CHAMBINO, Mário, 1995, **Rochas com Covinhas na Região do Alto Tejo Português**, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. 35, fasc. 4, no prelo.

KALB, Philine, 1990, **Megalithgraber Zwischen Tejo und Douro**, *Madrider Forschungen*, Band 16, pp. 19-33, Berlin.

LEISNER, Georg, e LEISNER, Vera, 1951, **Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz. Materiais para o estudo da cultura megalítica em Portugal**, 322p., Lisboa.

LEISNER, Vera, 1970, **Micrólitos de tipo tardenoisense em dólmenes portugueses**, *Actas das I Jornadas Arqueológicas*, vol. 2, pp. 195-199, Lisboa.

LEISNER, Vera, 1983, **As diferentes fases do Neolítico em Portugal**, *Arqueologia*, 7, pp. 7-15, Porto.

LEITÃO, M., NORTH, C.T., NORTON, J., FERREIRA, O. da V. e ZBYSZEWSKI, G., 1987, **A Gruta pré-histórica do Lugar do Canto, Valverde (Alcanede)**, *O Arqueólogo Português*, S. IV, pp 37-65.

OLIVEIRA, Jorge de, 1995, **Os monumentos megalíticos da bacia hidrográfica do rio Sever (Marvão, Castelo de Vide, Nisa, Valencia de Alcántara, Herrera de Alcántara, Cedillo)**, dissertação de doutoramento, Universidade de Évora.

PROENÇA JÚNIOR, Francisco Tavares de, 1910, **Archeologia do districto de Castello Branco. Contribuição para o seu estudo**, Typ. Leiriense, 25p, Leiria.

SAVORY, H. N., 1971, **Espanha e Portugal**, Editorial Verbo, 329 p., Lisboa.

SILVA, Carlos Tavares da, e SOARES, Joaquina, 1983, **Contribuição para o estudo do megalitismo do Alentejo Litoral. A sepultura do Marco Branco (Santiago do Cacém)**, *O Arqueólogo Português*, série IV, vol. 1, pp. 63-87.

SOARES, Joaquina, e SILVA, Carlos Tavares da, 1992, **Para o Conhecimento dos Povoados do Megalitismo de Reguengos**, *Setúbal Arqueológica*, vol. 9-10, pp. 37-88.



1 – Anta 6 do Couto da Espanhola. Vista geral do monumento após a limpeza da mamoa (*cairn*), com restos de anel exterior de contenção, e sua integração na paisagem envolvente.



2 – Anta 6 do Couto da Espanhola. Vista geral do monumento evidenciando-se a estrutura do *cairn*, constituído na sua maioria por blocos de quartzo filoneano.



1 – Anta 6 do Couto da Espanhola. Vista do corte executado no *cairn* evidenciando a sua estrutura interna, assente no substrato geológico, de xistos do Complexo Xisto-Grauváquico ante-Ordovício.



2 – Anta 6 do Couto da Espanhola. Vista geral do monumento, correspondente à terceira e última fase de utilização (transformação da câmara em sepultura cistóide). Ver Fig. 2.



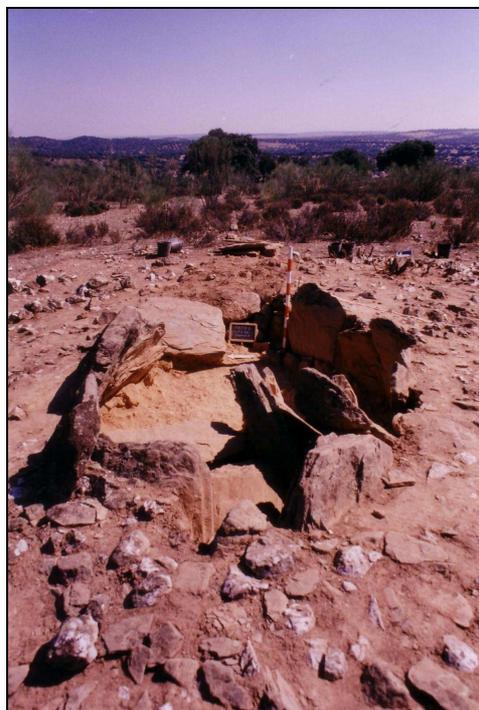
1 – Anta 6 do Couto da Espanhola. Vista da laje, colocada de cutelo sobre o entulhamento parcial da câmara, correspondente à terceira e última fase de construção/utilização do monumento: transformação em sepultura cistóide de planta sub-rectangular (ver Fig. 2).



2 – Anta 6 do Couto da Espanhola. Vista da laje da câmara do monumento, evidenciando-se dois recintos, separados por septo longitudinal, correspondente à segunda fase de utilização/construção. O recinto (ou câmara) meridional foi intencionalmente entulhado no final da referida fase.



1 – Anta 6 do Couto da Espanhola. Vista do recinto meridional depois de totalmente escavado. Observe-se o aparelho de lajes de xisto, por vezes travadas com blocos de pequenas dimensões directamente assentes no substrato geológico.



2 – Anta 6 do Couto da Espanhola. Vista geral da câmara do monumento no final dos trabalhos de escavação correspondendo à sua primeira fase, evidenciando contorno oval e fechado.



Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta

ESTUDOS PRÉ-HISTÓRICOS



1995 **3**